

Allan Kardec

Fundador do Espiritismo

O LIVRO dos ESPÍRITOS

Os Princípios da Doutrina Espírita,
segundo os ensinamentos de Espíritos superiores.
As respostas dos Espíritos às perguntas de todos os homens.

ÍNDICE

Introdução ao estudo da Doutrina Espírita	11
Prolegómenos	47

PRIMEIRA PARTE: DAS CAUSAS PRIMÁRIAS

CAPÍTULO I: DE DEUS.	53
Deus e o infinito	53
Provas da existência de Deus	54
Atributos da Divindade	55
Panteísmo	57
CAPÍTULO II: DOS ELEMENTOS GERAIS DO UNIVERSO.	59
Conhecimento do princípio das coisas.	59
Espírito e matéria	60
Propriedades da matéria	62
Espaço universal	64
CAPÍTULO III: DA CRIAÇÃO.	65
Formação dos mundos.	65
Formação dos seres vivos.	66
Povoamento da Terra. Adão	68
Diversidade das raças humanas	68
Pluralidade dos mundos.	69
Considerações e concordâncias bíblicas no tocante à Criação.	70

CAPÍTULO IV: DO PRINCÍPIO VITAL	74
Seres orgânicos e inorgânicos	74
A Vida e a Morte	76
Inteligência e instinto	77

SEGUNDA PARTE

DO MUNDO ESPÍRITA OU DOS ESPÍRITOS

CAPÍTULO I: DOS ESPÍRITOS	83
Origem e natureza dos Espíritos	83
Mundo normal primitivo	85
Forma e ubiquidade dos Espíritos	86
Perispírito	87
Diferentes ordens de Espíritos	88
Escala espírita	88
Progressão dos Espíritos	96
Anjos e demônios	99
CAPÍTULO II: DA ENCARNAÇÃO DOS ESPÍRITOS	103
Objetivo da encarnação	103
A alma	104
Materialismo	108
CAPÍTULO III: DA VOLTA DO ESPÍRITO, EXTINTA A VIDA CORPÓREA, À VIDA ESPIRITUAL	111
A alma após a morte, a sua individualidade. Vida eterna	111
Separação da alma e do corpo	113
Perturbação espírita	115
CAPÍTULO IV: DA PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS	118
A reencarnação	118
Justiça da reencarnação	119
Encarnação nos diferentes mundos	120
Transmigração progressiva	125
Sorte das crianças após a morte	128
Sexos nos Espíritos	129
Parentesco, filiação	130
Parecenças físicas e morais	131
Ideias inatas	134
CAPÍTULO V: CONSIDERAÇÕES SOBRE A PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS	137

CAPÍTULO VI: DA VIDA ESPÍRITA.....	147
Espíritos errantes.....	147
Mundos transitórios.....	150
Perceções, sensações e sofrimentos dos Espíritos.....	151
Ensaio teórico da sensação nos Espíritos.....	156
Escolha das provas.....	161
As relações no além-túmulo.....	168
Relações de simpatia e de antipatia entre os Espíritos. Metades eternas..	172
Recordação da existência corpórea.....	175
Comemoração dos mortos. Funerais.....	179
CAPÍTULO VII: DA VOLTA DO ESPÍRITO À VIDA CORPORAL.....	182
Prelúdios da volta.....	182
União da alma e do corpo. Aborto.....	185
Faculdades morais e intelectuais do Homem.....	188
Influência do organismo.....	190
Idiotismo e loucura.....	192
A infância.....	195
Simpatia e antipatia terrestres.....	198
Esquecimento do passado.....	199
CAPÍTULO VIII: DA EMANCIPAÇÃO DA ALMA.....	204
O sono e os sonhos.....	204
Visitas espíritas entre pessoas vivas.....	209
Transmissão oculta do pensamento.....	211
Letargia. Catalepsia. Mortes aparentes.....	212
Sonambulismo.....	213
Êxtase.....	217
Dupla vista.....	218
Resumo teórico do sonambulismo, do êxtase e da dupla vista.....	220
CAPÍTULO IX: DA INTERVENÇÃO DOS ESPÍRITOS NO MUNDO CORPORAL.....	226
Faculdade que têm os Espíritos de penetrar nos nossos pensamentos..	226
Influência oculta dos Espíritos nos nossos pensamentos e atos.....	227
Possessos.....	230
Convulsionários.....	232
Afeição que os Espíritos votam a certas pessoas.....	234
Anjos guardiães ou anjos da guarda. Espíritos protetores, familiares ou simpáticos.....	235
Pressentimentos.....	245
Influência dos Espíritos nos acontecimentos da vida.....	246

Ação dos espíritos nos fenómenos da natureza	250
Os Espíritos durante os combates	252
Pactos	254
Poder oculto. Talismãs. Feiticeiros	255
Bênçãos e maldições	257
CAPÍTULO X: DAS OCUPAÇÕES E MISSÕES DOS ESPÍRITOS	258
CAPÍTULO XI: DOS TRÊS REINOS.	266
Os minerais e as plantas	266
Os animais e o Homem	268
Metempsicose	275

TERCEIRA PARTE
DAS LEIS MORAIS

CAPÍTULO I: DA LEI DIVINA OU NATURAL.	281
Caracteres da lei natural	281
Origem e conhecimento da lei natural.	282
O bem e o mal	285
Divisão da lei natural.	289
CAPÍTULO II: DA LEI DE ADORAÇÃO	291
Objetivo da adoração.	291
Adoração exterior	292
Vida contemplativa	293
A prece.	293
Politeísmo	296
Sacrifícios	298
CAPÍTULO III: DA LEI DO TRABALHO	301
Necessidade do trabalho	301
Limite do trabalho. Repouso.	303
CAPÍTULO IV: DA LEI DE REPRODUÇÃO.	305
População do globo	305
Sucessão e aperfeiçoamento das raças	305
Obstáculos à reprodução.	306
Casamento e celibato.	307
Poligamia.	308

CAPÍTULO V: DA LEI DE CONSERVAÇÃO	309
Instinto de conservação	309
Meios de conservação	309
Gozo dos bens terrenos	312
Necessário e supérfluo	313
Privações voluntárias. Mortificações	314
CAPÍTULO VI: DA LEI DE DESTRUIÇÃO	317
Destruição necessária e destruição abusiva	317
Flagelos destruidores	319
Guerras	321
Assassínio	322
Crueldade	323
Duelo	324
Pena de morte	325
CAPÍTULO VII: DA LEI DE SOCIEDADE	328
Necessidade da vida social	328
Vida de isolamento. Voto de silêncio	329
Laços de família	330
CAPÍTULO VIII: DA LEI DO PROGRESSO	331
Estado de natureza	331
Marcha do progresso	332
Povos degenerados	334
Civilização	337
Progresso da legislação humana	339
Influência do Espiritismo no progresso	340
CAPÍTULO IX: DA LEI DE IGUALDADE	342
Igualdade natural	342
Desigualdade das aptidões	342
Desigualdades sociais	343
Desigualdade das riquezas	344
As provas de riqueza e de miséria	345
Igualdade dos direitos do homem e da mulher	346
Igualdade perante o túmulo	348
CAPÍTULO X: DA LEI DE LIBERDADE	349
Liberdade natural	349
Escravidão	350
Liberdade de pensar	351

Liberdade de consciência	351
Livre-arbítrio	353
Fatalidade	355
Conhecimento do futuro	360
Resumo teórico do móbil das ações do Homem	362
CAPÍTULO XI: DA LEI DE JUSTIÇA, DE AMOR E DE CARIDADE	366
Justiça e direitos naturais	366
Direito de propriedade. Roubo	368
Caridade e amor do próximo.	370
Amor materno e filial	372
CAPÍTULO XII: DA PERFEIÇÃO MORAL.	373
As virtudes e os vícios	373
Paixões	378
O egoísmo	380
Carateres do homem de bem	383
Conhecimento de si mesmo	384
QUARTA PARTE	
DAS ESPERANÇAS E CONSOLAÇÕES	
CAPÍTULO I: DAS PENAS E GOZOS TERRESTRES	389
Felicidade e infelicidade relativas.	389
Perda dos entes caros.	394
Deceções. Ingratidão. Afeições destruídas.	396
Uniões antipáticas	397
Apreensão da morte.	398
Desgosto da vida. Suicídio.	399
CAPÍTULO II: DAS PENAS E GOZOS FUTUROS.	405
Nada. Vida futura	405
Intuição das penas e gozos futuros	406
Intervenção de Deus nas penas e recompensas	407
Natureza das penas e gozos futuros	408
Penas temporais	415
Expição e arrependimento.	417
Duração das penas futuras	420
Ressurreição da carne	427
Paraíso, inferno e purgatório.	429
CONCLUSÃO	433

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA DOCTRINA ESPÍRITA

I

Para se designarem coisas novas, são precisos termos novos. Assim o exige a clareza da linguagem, para evitar a confusão inerente à variedade de sentidos das mesmas palavras. Os vocábulos *espiritual*, *espiritualista* e *espiritualismo* têm uma aceção bem definida. Dar-lhes outra, para os aplicar à Doutrina dos Espíritos, seria multiplicar as causas já tão numerosas de anfibologia. Com efeito, o espiritualismo é o oposto do materialismo. Quem quer que acredite haver em si alguma coisa mais do que matéria é espiritualista. Não resulta daí, porém, que creia na existência dos Espíritos ou nas suas comunicações com o mundo visível. Em vez das palavras *espiritual* e *espiritualismo*, empregamos, para indicar a crença a que acabámos de nos referir, os termos *espírita* e *espiritismo*, cuja forma lembra a origem e o sentido radical e que, por isso mesmo, apresentam a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis, deixando ao vocábulo *espiritualismo* a aceção que lhe é própria. Diremos, pois, que a Doutrina Espírita ou o Espiritismo tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Espiritismo serão *os espíritas*, ou, se quiserem, *os espiritistas*.

Como especialidade, o *Livro dos Espíritos* contém a Doutrina Espírita; como generalidade, prende-se à doutrina *espiritualista*, uma de cujas fases apresenta. Essa é a razão por que traz no cabeçalho do seu título a expressão «filosofia espiritualista».

II

Há outra palavra acerca da qual importa igualmente que todos se entendam, por constituir uma das pedras de toque de toda a doutrina moral e ser objeto de inúmeras controvérsias, na falta de uma aceção bem determinada. É a palavra *alma*. A divergência de opiniões sobre a natureza da alma provém da aplicação particular que cada um dá a esse termo. Uma língua perfeita, em que cada ideia fosse expressa por um termo próprio, evitaria muitas discussões; com uma palavra para cada coisa, todos se compreenderiam.

Segundo alguns, a alma é o princípio da vida material orgânica. Não tem existência própria e aniquila-se com a vida: é o materialismo puro. Neste sentido, e por comparação, diz-se de um instrumento rachado, que já nenhum som emite, que não tem alma. Em conformidade com essa opinião, a alma seria efeito e não causa.

Pensam outros que a alma é o princípio da inteligência, agente universal do qual cada ser absorve uma certa porção. Segundo esses, não haveria em todo o universo senão uma só alma a distribuir centelhas pelos diversos seres inteligentes durante a vida destes, voltando cada centelha, mortos os seres, à fonte comum, a confundir-se com o todo, como os regatos e os rios voltam ao mar, de onde saíram. Essa opinião difere da precedente, em que, nesta hipótese, não há em nós somente matéria, subsistindo alguma coisa após a morte. Mas é quase como se nada subsistisse, porquanto, destituídos de individualidade, não mais teríamos consciência de nós mesmos. Dentro desta opinião, a alma universal seria Deus, e cada ser, um fragmento da divindade. Simples variante do *pan-teísmo*.

Segundo outros, finalmente, a alma é um ser moral, distinto, independente da matéria e que conserva a sua individualidade após a morte. Esta aceção é, sem dúvida, a mais geral, porque, com um nome ou outro, a ideia desse ser que sobrevive ao corpo se encontra, no estado de crença instintiva, não derivada de ensino, entre todos os povos, qualquer que seja o grau de civilização de cada um. Essa doutrina, segundo a qual a alma é *causa e não efeito*, é a dos *espiritualistas*.

Sem discutir o mérito de tais opiniões, e considerando apenas o lado linguístico da questão, diremos que estas três aplicações do termo *alma* correspondem a três ideias distintas, que exigiriam, para serem expressas, três vocábulos diferentes. Aquela palavra tem, pois, uma tríplice

aceção, e cada um, do seu ponto de vista, pode com razão defini-la como o faz. O mal está em a língua dispor somente de uma palavra para exprimir três ideias. A fim de evitar qualquer equívoco, seria necessário restringir-se a aceção do termo *alma* a uma daquelas ideias. A escolha é indiferente; o importante é o entendimento entre todos, reduzindo-se o problema a uma simples questão de convenção. Julgamos mais lógico tomá-lo na sua aceção vulgar e, por isso, chamamos *alma* ao *ser imaterial e individual que em nós reside e sobrevive ao corpo*. Mesmo que esse ser não existisse, não passasse de um produto da imaginação, ainda assim seria preciso um termo para o designar.

Na ausência de um vocábulo especial para a tradução de cada uma das duas outras ideias a que corresponde a palavra *alma*, chamamos *princípio vital* ao princípio da vida material e orgânica, qualquer que seja a fonte de onde promane, princípio esse comum a todos os seres vivos, desde as plantas até ao Homem. Uma vez que pode haver vida com exclusão da faculdade de pensar, o princípio vital é uma coisa distinta e independente. A palavra *vitalidade* não daria a mesma ideia. Para alguns, o princípio vital é uma propriedade da matéria, um efeito que se produz achando-se a matéria em dadas circunstâncias. Segundo outros, e esta é a ideia mais comum, ele reside num fluido especial, universalmente espalhado e do qual cada ser absorve e assimila uma parcela durante a vida, tal como os corpos inertes absorvem a luz. Esse seria então o *fluido vital* que, na opinião de alguns, em nada difere do fluido elétrico animalizado, ao qual também se dão os nomes *fluido magnético*, *fluido nervoso*, etc.

Seja como for, há um facto que ninguém ousaria contestar, pois que resulta da observação: é que os seres orgânicos têm em si uma força íntima que determina o fenómeno da vida, enquanto essa força existe; que a vida material é comum a todos os seres orgânicos e independente da inteligência e do pensamento; que a inteligência e o pensamento são faculdades próprias de certas espécies orgânicas; finalmente, que entre as espécies orgânicas dotadas de inteligência e de pensamento há uma dotada também de um senso moral especial, que lhe dá uma inconteste superioridade sobre as outras: a espécie humana.

Concebe-se que, com uma aceção múltipla, o termo *alma* não exclui o materialismo ou o panteísmo. O próprio espiritualismo pode entender a alma de acordo com uma ou outra das duas primeiras definições, sem prejuízo do ser imaterial distinto, a que então dará um nome qualquer.

Assim, aquela palavra não representa uma opinião: é um proteu, que cada um ajeita a seu bel-prazer. Daí tantas disputas intermináveis.

Evitar-se-ia igualmente a confusão, embora usando-se o termo *alma* nos três casos, desde que se lhe acrescentasse um qualificativo que especificasse o ponto de vista em que se está colocado, ou a aplicação que se faz da palavra. Esta teria, então, um carácter genérico, designando, ao mesmo tempo, o princípio da vida material, o da inteligência e o do senso moral, que se distinguiriam mediante um atributo, como os gases, por exemplo, que se distinguem aditando-se ao termo genérico as palavras *hidrogénio*, *oxigénio* ou *azoto*. Poder-se-ia assim dizer, e talvez fosse o melhor, a *alma vital* (indicando o princípio da vida material), a *alma intelectual* (o princípio da inteligência) e a *alma espírita* (o da nossa individualidade após a morte). Como se vê, tudo isto não passa de uma questão de palavras, mas é uma questão muito importante quando se trata de nos fazermos compreender. Em conformidade com essa maneira de falar, a *alma vital* seria comum a todos os seres orgânicos: plantas, animais e homens; a *alma intelectual* pertenceria aos animais e aos homens; e a *alma espírita*, somente ao Homem.

Julgamos dever insistir nestas explicações pela razão de que a Doutrina Espírita assenta naturalmente sobre a existência, em nós, de um ser independente da matéria e que sobrevive ao corpo. A palavra *alma*, tendo de aparecer com frequência ao longo desta obra, obrigava que fixássemos bem o sentido que lhe atribuímos, a fim de evitarmos qualquer engano.

Passemos agora ao objeto principal desta instrução preliminar.

III

Como tudo o que constitui novidade, a Doutrina Espírita conta adeptos e contraditores. Vamos tentar responder a algumas das objeções destes últimos, examinando o valor dos motivos em que se apoiam, sem alimentarmos, todavia, a pretensão de os convencer a todos, pois muitos há que creem ter sido a luz feita exclusivamente para eles. Dirigimo-nos aos de boa-fé, aos que não trazem ideias preconcebidas ou decididamente firmadas contra tudo e todos, aos que sinceramente desejam instruir-se, e demonstrar-lhes-emos que a maior parte das objeções opostas à doutrina promanam de uma incompleta observação dos factos e de um juízo leviano e precipitadamente formado.

Lembremos, antes de tudo, em poucas palavras, a série progressiva dos fenómenos que deram origem a esta doutrina.

O primeiro facto observado foi o da movimentação de objetos diversos. Designaram-no vulgarmente pela expressão *mesas falantes* ou *dança das mesas*. Este fenómeno — que parece ter sido notado primeiramente nos Estados Unidos da América, ou melhor, que se repetiu nesse país, porquanto a História prova que ele remonta à mais alta antiguidade — produziu-se rodeado de circunstâncias estranhas, tais como ruídos insólitos, pancadas sem nenhuma causa ostensiva. De seguida, propagou-se rapidamente pela Europa e pelas outras partes do mundo. A princípio, quase só encontrou incredulidade; porém, ao cabo de pouco tempo, a multiplicidade das experiências já não permitiu que lhe pusessem em dúvida a realidade.

Se tal fenómeno se tivesse limitado ao movimento de objetos materiais, poderia explicar-se por uma causa puramente física. Estamos longe de conhecer todos os agentes ocultos da natureza, ou todas as propriedades dos que conhecemos: a electricidade multiplica diariamente os recursos que proporciona ao Homem e parece destinada a iluminar a ciência com uma nova luz. Nada de impossível haveria, portanto, em que a electricidade modificada por certas circunstâncias, ou qualquer outro agente desconhecido, fosse a causa dos movimentos observados. O facto de que a reunião de muitas pessoas aumenta a potencialidade da ação parecia vir em apoio dessa teoria, visto poder-se considerar o conjunto dos assistentes como uma pilha múltipla, com o seu potencial na razão direta do número dos elementos.

O movimento circular nada apresentava de extraordinário: está na natureza. Todos os astros se movem em curvas elipsoides; poderíamos, pois, ter ali, em ponto menor, um reflexo do movimento geral do universo, ou melhor, uma causa, até então desconhecida, produzindo acidentalmente, com pequenos objetos em dadas condições, uma corrente análoga à que impele os mundos.

Porém, o movimento nem sempre era circular; muitas vezes era brusco e desordenado, sendo o objeto violentamente sacudido, derrubado, levado numa direção qualquer e, contrariamente a todas as leis da estática, levantado e mantido em suspensão. Ainda aqui, nada havia que não se pudesse explicar pela ação de um agente físico invisível. Não vemos a electricidade deitar por terra edifícios, desarraigar árvores, atirar para longe os mais pesados corpos, atraí-los ou repeli-los?

Os ruídos insólitos, as pancadas, ainda que não fossem um dos efeitos comuns da dilatação da madeira, ou de qualquer outra causa acidental, poderiam muito bem ser produzidos pela acumulação de um fluido oculto: não produz a electricidade formidáveis ruídos?

Até aí, como se vê, tudo pode caber no domínio dos factos puramente físicos e fisiológicos. Sem sair desse âmbito de ideias, já ali havia, no entanto, matéria para estudos sérios e dignos de prender a atenção dos sábios. Porque assim não aconteceu? É penoso dizê-lo, mas o facto deriva de causas que provam, entre mil outros semelhantes, a levianidade do espírito humano. A vulgaridade do objeto principal que serviu de base às primeiras experiências não foi alheia à indiferença dos sábios. Que influência não tem tido muitas vezes uma palavra sobre as coisas mais graves! Sem atenderem a que o movimento podia ser impresso a um objeto qualquer, a ideia das mesas prevaleceu, sem dúvida, por ser o objeto mais cómodo e porque, à roda de uma mesa, muito mais naturalmente do que em torno de qualquer outro móvel, se sentam diversas pessoas. Ora, os homens superiores são com frequência tão pueris que não há como ter por impossível que certos espíritos de escol tenham considerado deprimente ocuparem-se com o que se convencionara chamar «dança das mesas». É mesmo provável que, se o fenómeno observado por Galvani o fosse por homens vulgares e ficasse caracterizado por um nome burlesco, ainda estaria relegado a fazer companhia à varinha divinatória. Qual, com efeito, o sábio que não teria julgado uma indignidade ocupar-se com a *dança das rãs*?

Alguns, entretanto, muito modestos para convirem que bem poderia dar-se não lhes ter ainda a natureza dito a última palavra, quiseram ver, para a tranquilidade das suas consciências. Mas aconteceu que o fenómeno nem sempre lhes correspondeu à expectativa, e, devido ao facto de não se ter produzido constantemente à vontade deles e segundo a maneira de se comportarem na experimentação, concluíram pela negativa. Porém, apesar do que decretaram, as mesas — pois que há mesas — continuam a girar, e podemos dizer com Galileu: *Todavia, elas movem-se!* Acrescentaremos que os factos se multiplicaram de tal modo que desfrutam hoje do direito de cidade, não mais se cogitando senão de lhes achar uma explicação racional.

Contra a realidade do fenómeno, poder-se-ia induzir alguma coisa da circunstância de ele não se produzir de modo sempre idêntico, conformemente à vontade e às exigências do observador? Não estão os fenómenos

de electricidade e de química subordinados a certas condições? Será lícito negá-los, porque não se produzem fora dessas condições? Que há, pois, de surpreendente em que o fenómeno do movimento dos objetos pelo fluido humano também se ache sujeito a determinadas condições e deixe de se produzir quando o observador, collocando-se no seu ponto de vista, pretende fazê-lo seguir a marcha que caprichosamente lhe imponha, ou queira sujeitá-lo às leis dos fenómenos conhecidos, sem considerar que para factos novos pode e deve haver novas leis? Ora, para se conhecerem essas leis, é preciso que se estudem as circunstâncias em que os factos se produzem, e esse estudo não pode deixar de ser fruto de uma observação perseverante, atenta e às vezes muito longa.

Mas, objectam algumas pessoas, há frequentemente fraudes manifestas. Perguntar-lhes-emos, em primeiro lugar, se estão bem certas de que haja fraudes e se não tomaram por fraude efeitos que não podiam explicar, mais ou menos como o camponês que tomava por destro escamoteador um sábio professor de Física a fazer experiências. Admitindo-se mesmo que tal coisa tenha podido verificar-se algumas vezes, constituiria isso razão para se negar o facto? Dever-se-ia negar a Física, porque há prestidigitadores que se exornam com o título de físicos? É preciso, de resto, que se leve em conta o carácter das pessoas e o interesse que possam ter em iludir. Seria tudo, então, um mero gracejo? Admite-se que uma pessoa se divirta por algum tempo, mas um gracejo prolongado indefinidamente tornar-se-ia tão fastidioso para o mystificador como para o mystificado. Acresce que, numa mystificação que se propaga de um extremo a outro do mundo, e por entre as mais austeras, veneráveis e esclarecidas personalidades, há qualquer coisa com certeza tão extraordinária, pelo menos, quanto o próprio fenómeno.

IV

Se os fenómenos de que nos temos vindo a ocupar tivessem ficado restritos ao movimento dos objetos, teriam permanecido, como dissemos, no domínio das ciências físicas. Assim, entretanto, não sucedeu: estava-lhes reservado collocar-nos na pista de factos de ordem singular. Acreditaram ter descoberto, não sabemos pela iniciativa de quem, que a impulsão dada aos objetos não era apenas o resultado de uma força mecânica cega; que havia nesse movimento a intervenção de uma causa

inteligente. Uma vez aberto, esse caminho conduziu a um campo totalmente novo de observações. De sobre muitos mistérios se erguia o véu. Haverá, com efeito, no caso, uma potência inteligente? Essa é a questão. Se essa potência existe, qual é ela, qual a sua natureza, a sua origem? Encontra-se acima da Humanidade? Eis outras questões que decorrem da anterior.

As primeiras manifestações inteligentes produziram-se por meio de mesas que se levantavam e, com um dos pés, davam um certo número de pancadas, respondendo desse modo — sim ou não, conforme fora convenção — a uma pergunta feita. Até aí, nada de convincente havia para os céticos, porquanto bem podiam crer que tudo fosse obra do acaso. Obtiveram-se depois respostas mais desenvolvidas com o auxílio das letras do alfabeto: dando o móvel um número de pancadas correspondente ao número de ordem de cada letra, chegava-se a formar palavras e frases que respondiam às questões propostas. A precisão das respostas e a correlação que denotavam com as perguntas causaram espanto. O ser misterioso que assim respondia, interrogado sobre a sua natureza, declarou que era *espírito* ou *gênio*, declinou um nome e prestou diversas informações a seu respeito. Há aqui uma circunstância muito importante, que se deve assinalar. É que ninguém imaginou os *espíritos* como meio de explicar o fenómeno; foi o próprio fenómeno que revelou a palavra. Muitas vezes, tratando-se das ciências exatas, formulam-se hipóteses para se dar uma base ao raciocínio. Não é aqui o caso.

Esse meio de correspondência era, porém, demorado e incómodo. O Espírito (e isto constitui uma nova circunstância digna de nota) indicou outro. Foi um desses seres invisíveis quem aconselhou a adaptação de um lápis a um cesto ou a outro objeto. Colocado em cima de uma folha de papel, o cesto é posto em movimento pela mesma potência oculta que move as mesas; mas, em vez de um simples movimento regular, o lápis traça por si mesmo caracteres que formam palavras, frases, dissertações de muitas páginas sobre as mais altas questões de filosofia, de moral, de metafísica, de psicologia, etc., e com tanta rapidez quanta se se escrevesse com a mão.

Esse conselho foi dado simultaneamente nos Estados Unidos da América, em França e em diversos outros países. Eis em que termos o deram em Paris, a 10 de junho de 1853, a um dos mais fervorosos adeptos da doutrina e que, havia muitos anos, desde 1849, se ocupava com a evocação dos Espíritos: «Vai buscar, no aposento ao lado, o cestinho;

amarra-lhe um lápis; coloca-o sobre o papel; põe-lhe os teus dedos sobre a borda.» Alguns instantes depois, o cesto começou a mover-se, e o lápis escreveu, muito legivelmente, esta frase: «Proíbo expressamente que transmitas a quem quer que seja o que acabo de dizer. Da primeira vez que escrever, escreverei melhor.» São completamente indiferentes a natureza e a forma que tenha o objeto a que se adapta o lápis, não passando de um mero instrumento. Daí ter-se procurado dar-lhe uma disposição mais cómoda. Por isso é que muita gente se serve de uma prancheta pequena.

O cesto ou a prancheta só podem ser postos em movimento sob a influência de certas pessoas, dotadas, para isso, de um poder especial, as quais se designam pelo nome *médiuns*, isto é, meios ou intermediários entre os Espíritos e os homens. As condições que conferem esse poder resultam de causas ao mesmo tempo físicas e morais, ainda imperfeitamente conhecidas, porquanto há médiuns de todas as idades, de ambos os sexos e em todos os graus de desenvolvimento intelectual. É, todavia, uma faculdade que se desenvolve pelo exercício.

V

Reconheceu-se mais tarde que o cesto e a prancheta não eram realmente mais do que um apêndice da mão; e o médium, tomando diretamente o lápis, pôs-se a escrever por um impulso involuntário e quase febril. Dessa maneira, as comunicações tornaram-se mais rápidas, mais fáceis e mais completas. Hoje é esse o meio geralmente empregado e com tanto mais razão quanto o número das pessoas dotadas dessa aptidão é muito considerável e cresce todos os dias. Finalmente, a experiência deu a conhecer muitas outras variedades da faculdade mediadora, vindo-se a saber que as comunicações podiam igualmente ser transmitidas pela palavra, pela audição, pela visão, pelo tato, etc., e até pela escrita direta dos Espíritos, isto é, sem o concurso da mão do médium ou do lápis.

Obtido o facto, restava comprovar um ponto essencial: o papel do médium nas respostas e a parte que, mecânica e moralmente, pode ter nelas. Duas circunstâncias capitais, que não escapariam a um observador atento, tornam possível resolver-se a questão. A primeira consiste no modo por que o cesto se move sob a influência do médium, apenas lhe impondo este os dedos sobre as bordas. O exame do facto demonstra a

impossibilidade de o médium imprimir uma direção qualquer ao movimento daquele objeto. Essa impossibilidade torna-se patente sobretudo quando duas ou três pessoas colocam juntamente as mãos sobre o cesto. Seria preciso entre elas uma concordância verdadeiramente fenomenal de movimentos. Seria preciso, além disso, a concordância dos pensamentos, para que pudessem estar de acordo quanto à resposta a dar à questão formulada. Outro facto, não menos singular, ainda vem aumentar a dificuldade. É a mudança radical da caligrafia, conforme o Espírito que se manifesta, reproduzindo-se a de um determinado Espírito todas as vezes que ele volta a escrever. Seria necessário, pois, que o médium se tivesse exercitado em dar à sua própria caligrafia vinte formas diferentes e, principalmente, que pudesse lembrar-se da que corresponde a tal ou tal Espírito.

A segunda circunstância resulta da própria natureza das respostas que, na maioria das vezes, especialmente quando se ventilam questões abstratas e científicas, estão notoriamente fora do campo dos conhecimentos e, amiúde, do alcance intelectual do médium, que, além disso, como habitualmente sucede, não tem consciência do que se escreve sob a sua influência; que, frequentemente, não entende ou não compreende a questão proposta, pois que esta o pode ser num idioma que ele desconheça, ou mesmo mentalmente, podendo a resposta ser dada nesse idioma. Enfim, acontece muito o cesto escrever espontaneamente, sem que se tenha feito pergunta alguma, sobre um assunto qualquer, inteiramente inesperado. Em certos casos, as respostas revelam tal cunho de sabedoria, de profundidade e de oportunidade, exprimem pensamentos tão elevados, tão sublimes, que não podem emanar senão de uma inteligência superior, impregnada da mais pura moralidade. Outras vezes, são tão levianas, tão frívolas, tão triviais, que a razão recusa admitir que derivem da mesma fonte. Tal diversidade de linguagem não se pode explicar senão pela diversidade das inteligências que se manifestam. E essas inteligências estão na Humanidade ou fora da Humanidade? Este é o ponto a esclarecer-se e cuja explicação se encontrará completa nesta obra, como a deram os próprios Espíritos.

Eis, pois, efeitos patentes, que se produzem fora do círculo habitual das nossas observações; que não ocorrem misteriosamente, mas, pelo contrário, à luz meridiana, que toda a gente pode ver e comprovar; que não constituem privilégio de um único indivíduo e que milhares de pessoas repetem todos os dias. Esses efeitos têm necessariamente uma causa

e, a partir do momento em que denotam a ação de uma inteligência e de uma vontade, saem do domínio puramente físico.

Muitas teorias foram engendradas a este respeito. Examiná-las-emos dentro em pouco e veremos se são capazes de oferecer a explicação de todos os factos que se observam. Admitamos, enquanto não chegamos até lá, a existência de seres distintos dos humanos, pois que esta é a explicação ministrada pelas inteligências que se manifestam, e vejamos o que eles nos dizem.

VI

Conforme notámos acima, os próprios seres que se comunicam designam-se a si mesmos pelo nome *espíritos* ou *génios*, declarando, alguns pelo menos, terem pertencido a homens que viveram na Terra. Eles compõem o mundo espiritual, tal como nós constituímos durante a vida terrena o mundo corporal.

Vamos resumir, em poucas palavras, os pontos principais da doutrina que nos transmitiram, a fim de mais facilmente respondermos a certas objeções.

«Deus é eterno, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom.»

«Criou o universo, que abrange todos os seres animados e inanimados, materiais e imateriais.»

«Os seres materiais constituem o mundo visível ou corpóreo, e os seres imateriais, o mundo invisível ou espírita, isto é, dos Espíritos.»

«O mundo espírita é o mundo normal, primitivo, eterno, preexistente e sobrevivente a tudo.»

«O mundo corporal é secundário; poderia deixar de existir, ou não ter nunca existido, sem que por isso se alterasse a essência do mundo espírita.»

«Os Espíritos revestem temporariamente um invólucro material perecível, cuja destruição pela morte lhes restitui a liberdade.»

«Entre as diferentes espécies de seres corpóreos, Deus escolheu a espécie humana para a encarnação dos Espíritos que chegaram a um certo grau de desenvolvimento, dando-lhe superioridade moral e intelectual sobre as outras.»

«A alma é um Espírito encarnado, sendo o corpo apenas o seu envoltório.»

«Há no Homem três coisas: 1.^a) o corpo ou ser material análogo aos animais e animado pelo mesmo princípio vital; 2.^a) a alma ou ser imaterial, Espírito encarnado no corpo; 3.^a) o laço que prende a alma ao corpo, princípio intermediário entre a matéria e o Espírito.»

«Tem assim o Homem duas naturezas: pelo corpo, partilha a natureza dos animais, cujos instintos lhe são comuns; pela alma, partilha a natureza dos Espíritos.»

«O laço, ou *perispírito*, que prende ao corpo o Espírito é uma espécie de envoltório semimaterial. A morte é a destruição do invólucro mais grosseiro. O Espírito conserva o segundo, que lhe constitui um corpo etéreo, invisível para nós no estado normal, mas que pode tornar-se acidentalmente visível e mesmo tangível, como sucede no fenómeno das aparições.»

«O Espírito não é, pois, um ser abstrato, indefinido, só possível de se conceber pelo pensamento. É um ser real, circunscrito, que, em certos casos, se torna apreciável *pela visão, pela audição e pelo tato.*»

«Os Espíritos pertencem a diferentes classes e não são iguais, nem em poder, nem em inteligência, nem em saber, nem em moralidade. Os da primeira ordem são os Espíritos superiores, que se distinguem dos outros pela sua perfeição, pelos seus conhecimentos, pela sua proximidade de Deus, pela pureza dos seus sentimentos e pelo seu amor do bem: são os anjos, ou puros Espíritos. Os das outras classes acham-se cada vez mais distanciados dessa perfeição, mostrando-se os das categorias inferiores, na sua maioria, eivados das nossas paixões: o ódio, a inveja, o ciúme, o orgulho, etc. Comprazem-se no mal. Há também, entre os inferiores, os que não são nem muito bons nem muito maus, mais perturbadores e enredadores do que perversos. A malícia e as inconseqüências parecem ser o que neles predomina. São os Espíritos estúrdios ou levianos.»

«Os Espíritos não ocupam perpetuamente a mesma categoria. Todos se melhoram passando pelos diferentes graus da hierarquia espírita. Esta melhoria efetua-se por meio da encarnação, que é imposta a uns como expiação e a outros como missão. A vida material é uma prova que lhes cumpre sofrer repetidamente, até que tenham atingido a absoluta perfeição moral.»

«Deixando o corpo, a alma regressa ao mundo dos Espíritos, de onde saíra, para passar por uma nova existência material, após um lapso

de tempo mais ou menos longo, durante o qual permanece em estado de Espírito errante.»¹

«Tendo o Espírito de passar por muitas encarnações, resulta que todos nós temos tido muitas existências e que teremos ainda outras, mais ou menos aperfeiçoadas, quer na Terra, quer em outros mundos.»

«A encarnação dos Espíritos dá-se sempre na espécie humana; seria um erro acreditar-se que a alma ou o Espírito possa encarnar no corpo de um animal.»

«As diferentes existências corpóreas do Espírito são sempre progressivas e nunca regressivas; mas a rapidez do seu progresso depende dos esforços que faça para chegar à perfeição.»

«As qualidades da alma são as do Espírito que está encarnado em nós; assim, o homem de bem é a encarnação de um bom Espírito, e o homem perverso, a de um Espírito impuro.»

«A alma tinha a sua individualidade antes de encarnar; conserva-a depois de se ter separado do corpo.»

«Na sua volta ao mundo dos Espíritos, ela encontra todos aqueles que conheceu na Terra, e todas as suas existências anteriores se lhe desenham na memória, com a lembrança de todo o bem e de todo o mal que fez.»

«O Espírito encarnado acha-se sob a influência da matéria; o homem que vence esta influência, pela elevação e depuração da sua alma, aproxima-se dos bons Espíritos, em cuja companhia um dia estará. Aquele que se deixa dominar pelas más paixões e põe todas as suas alegrias na satisfação dos apetites grosseiros aproxima-se dos Espíritos impuros, dando preponderância à sua natureza animal.»

«Os Espíritos encarnados habitam nos diferentes globos do universo.»

«Os não encarnados, ou errantes, não ocupam uma região determinada e circunscrita; estão por toda a parte no espaço e ao nosso lado, vendo-nos e acotovelando-nos constantemente. É toda uma população invisível, a mover-se em torno de nós.»

«Os Espíritos exercem uma incessante ação sobre o mundo moral e mesmo sobre o mundo físico. Atuam sobre a matéria e sobre o pensamento e constituem uma das potências da natureza, causa eficiente de uma multidão de fenómenos até então inexplicados ou mal explicados e que não encontram explicação racional senão no Espiritismo.»

¹ Há entre esta doutrina da reencarnação e a da metempsicose, como admitem certas seitas, uma diferença característica, que é explicada no curso da presente obra.

«As relações dos Espíritos com os homens são constantes. Os bons Espíritos atraem-nos para o bem, apoiam-nos nas provas da vida e ajudam-nos a suportá-las com coragem e resignação. Os maus impelem-nos para o mal: é-lhes agradável ver-nos sucumbir e assemelhar-nos a eles.»

«As comunicações dos Espíritos com os homens são ocultas ou ostensivas. As ocultas verificam-se pela influência boa ou má que exercem sobre nós, à nossa revelia. Cabe ao nosso juízo discernir as boas das más inspirações. As comunicações ostensivas dão-se por meio da escrita, da palavra ou de outras manifestações materiais, quase sempre pelos médiuns que lhes servem de instrumentos.»

«Os Espíritos manifestam-se espontaneamente ou mediante evocação.»

«Podem evocar-se todos os Espíritos: tanto os que animaram homens obscuros como os das personagens mais ilustres, seja qual for a época em que tenham vivido; os dos nossos parentes, amigos ou inimigos, e obter-se deles, por comunicações escritas ou verbais, conselhos, informações sobre a situação em que se encontram no Além, sobre o que pensam a nosso respeito, assim como as revelações que lhes sejam permitidas fazer-nos.»

«Os Espíritos são atraídos pela razão da simpatia que lhes inspire a natureza moral do meio que os evoca. Os Espíritos superiores comprazem-se nas reuniões sérias, onde predominam o amor do bem e o desejo sincero, por parte dos que as compõem, de se instruírem e melhorarem. A presença deles afasta os Espíritos inferiores, que, inversamente, encontram livre acesso e podem proceder com toda a liberdade entre pessoas frívolas ou impelidas unicamente pela curiosidade e onde quer que existam maus instintos. Longe de se obterem bons conselhos ou informações úteis, deles só se devem esperar futilidades, mentiras, gracejos de mau gosto ou mistificações, pois que muitas vezes tomam nomes venerados, a fim de melhor induzirem em erro.»

«Distinguir os bons dos maus Espíritos é extremamente fácil. Os Espíritos superiores usam constantemente uma linguagem digna, nobre, repassada da mais alta moralidade, escoimada de qualquer paixão inferior; a mais pura sabedoria transparece-lhes dos conselhos, que objetivam sempre o nosso melhoramento e o bem da Humanidade. A dos Espíritos inferiores, pelo contrário, é inconsequente, amiúde trivial e até grosseira. Se, por vezes, dizem alguma coisa boa e verdadeira, muito mais vezes dizem falsidades e absurdos, por malícia ou ignorância. Fazem

pouco da credulidade dos homens e divertem-se à custa dos que os interrogam, lisonjeando-lhes a vaidade, alimentando-lhes os desejos com falazes esperanças. Em resumo, as comunicações sérias, na mais ampla aceção do termo, só são dadas nos centros sérios, onde reine uma íntima comunhão de pensamentos tendo em vista o bem.»

«A moral dos Espíritos superiores resume-se, como a de Cristo, nesta máxima evangélica: fazer aos outros o que quereríamos que os outros nos fizessem, isto é, fazer o bem e não o mal. Neste princípio encontra o Homem uma regra universal de proceder, mesmo para as suas menores ações.»

«Ensinam-nos que o egoísmo, o orgulho e a sensualidade são paixões que nos aproximam da natureza animal, prendendo-nos à matéria; que o homem que, já neste mundo, se desliga da matéria, desprezando as futilidades mundanas e amando o próximo, se avizinha da natureza espiritual; que cada um deve tornar-se útil, de acordo com as faculdades e os meios que Deus lhe pôs nas mãos para o experimentar; que o forte e o poderoso devem amparo e proteção ao fraco, porquanto transgride a Lei de Deus aquele que abusa da força e do poder para oprimir o seu semelhante. Ensinam, finalmente, que, no mundo dos Espíritos, nada podendo estar oculto, o hipócrita será desmascarado e todas as suas torpezas ficarão patentes; que a presença inevitável, e de todos os instantes, daqueles para com quem tivermos procedido mal constitui um dos castigos que nos estão reservados; que ao estado de inferioridade e superioridade dos Espíritos correspondem penas e gozos desconhecidos na Terra.»

«Mas ensinam também não haver faltas irremissíveis, que a expiação não possa apagar. O Homem encontra o meio de o conseguir nas diferentes existências que lhe permitem avançar, conformemente aos seus desejos e esforços, na senda do progresso, para a perfeição, que é o seu destino final.»

Este é o resumo da Doutrina Espírita, como resulta dos ensinamentos dados pelos Espíritos superiores. Vejamos agora as objeções que se lhe contrapõem.

Os Princípios da Doutrina Espírita

«Vós, que negais a existência dos Espíritos, preenchei o vácuo que eles ocupam. E vós, que vos rides deles, ousai rir-vos das obras de Deus e da Sua onnipotência.»

O Livro dos Espíritos, publicado pela primeira vez em 1857, é o marco fundador do Espiritismo. Com perguntas feitas pelo autor e respostas dadas pelos Espíritos, este livro junta as vozes da Terra e do Céu, sendo o Guia Fundamental desta doutrina.

A publicar brevemente:
O Livro dos Médiuns



Espreite o vídeo deste livro no ecrã de um telemóvel.


o curso da sua vida

20|20 editora

ISBN 978-989-668-251-4



9 789896 682514

www.nascente.pt